

Editorial

A Revista Periferia tem a preocupação permanente de ampliar os percursos do discurso científico, levando-os para além dos muros da universidade, em amplo diálogo com a sociedade. Para isso, contamos com nossos leitores como interlocutores com suas vozes ampliadas, nas trocas de saberes tão necessárias para escaparmos das lógicas que cada vez mais tentam restringir às dinâmicas vividas nos mais diversos espaços e tempos da sociedade. Nesse número, a Revista reitera a necessidade do amplo diálogo que devemos estabelecer com professores e estudantes. Em um momento tão difícil que atravessamos, no Brasil e no mundo, com retrocessos nas políticas públicas, é preciso firmar compromissos com a democracia. Parte fundamental desse compromisso é ampliar o debate a partir de fontes plurais e representativas como nos textos trazidos pelos autores que colaboram conosco esta nova edição.

No artigo *DESBARATANDO EL LENGUAJE ESCOLAR*, **Silvia Duschatzky**, problematiza se tudo o que está escrito e discutido em relação à escola nos aproxima de sua vitalidade ou nos prende a um campo discursivo autonomizado. A autora nos convida a pensar o que há para além da representação. E questiona se é possível falar da escola sem perder sua textura sensível. **Silvia Duschatzky** nos provoca a pensar na escola como um efeito, não como uma premissa, a partir da formulação de algumas proposições, limiares de investigação que não se tornem apenas prescrições.

Em consonância com as ênfases da Revista Periferia, o artigo *PÓS-COLONIALISMO, EDUCAÇÃO E CONSCIÊNCIA CRÍTICA LATINO-AMERICANA EM “ARIEL”, DE RODÓ*, de **Raimundo Nonato de Pádua Câncio e Andreson Carlos Elias Barbosa**, temos o pensamento sobre educação do escritor uruguaio José Enrique Rodó, que fez parte do movimento literário conhecido como “Geração Hispano-Americana de 98”. Neste ensaio, é possível observar como este intelectual idealizou a constituição de uma identidade latino-americana em pleno modernismo hispano-americano, a partir de sua obra *Ariel*, publicada em 1900.

Hector Renan da Silveira Calixto e Amélia Escotto do Amaral Ribeiro com o artigo *A EDUCAÇÃO DE SURDOS EM DUQUE DE CAXIAS: MARCOS HISTÓRICOS*, analisam o processo de constituição da Educação de Surdos

neste município da Baixada Fluminense. Apresentam os principais marcos da Educação Especial, descrevem o processo de organização da Educação de Surdos no Município, apontam as legislações e as Políticas Nacionais da Educação Especial e, sobretudo, a Educação de Surdos em Duque de Caxias como uma proposta de vanguarda, pois antes mesmo da publicação dos documentos já havia uma proposta educacional que já apresentava um viés inclusivo.

Em *EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS E A POSSÍVEL CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA: DESAFIOS ATUAIS*, **Bianca Salles Conceição e Vanessa Regina de Oliveira Martins**, problematizam a formação de pedagogos no que concerne a proposta curricular oferecida nas Universidades Federais do Estado de São Paulo. O intuito da pesquisa foi analisar se a proposta formativa atual visa atender a demanda legal do Decreto 5.626/05 em relação à formação de professores bilíngues nos anos iniciais.

Com o artigo *POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICA NO ENSINO MÉDIO EM MACAPÁ*, **Mayê Guedes Dantas, Fátima Lúcia Carrera Guedes Dantas e Mesaque da Silva Correia** apresentam resultados de uma pesquisa que visou responder o porquê da desmotivação dos alunos nas aulas de Educação Física do Ensino Médio em Macapá. O resultado da pesquisa demonstra que o problema se fundamenta em questões históricas e ligadas ao sistema educacional dentro de um contexto maior: a sociedade capitalista moderna com todo seu aparato sistêmico. As autoras convidam os leitores a pensar que historicamente, a Educação Física foi baseada numa concepção militarista espartana de adestramento de seres imperfeitos e, tal legado influenciou os rumos da Educação nessa área.

Phelipe Florez Rodrigues e Hugo Heleno Camilo Costa trazem uma discussão ocorrida em 2011 em que a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro divulgou o currículo mínimo, cujas definições foram interpretadas como excludentes pelos docentes da rede. No artigo intitulado *A PRODUÇÃO DE POLÍTICAS DE CURRÍCULO PARA GEOGRAFIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: SENTIDOS DOCENTES PARA ALÉM DO MÍNIMO*, os autores focalizam as críticas docentes à proposta curricular, buscando compreender as negociações tramadas na relação com ela. Apoiados na abordagem do ciclo de políticas de Ball, tomam-na como instrumento interpretativo à produção política, com vistas aos processos de recontextualização e tradução performados pelos atores envolvidos.

Em *CONTRIBUIÇÕES DAS DIMENSÕES: ESPAÇO, TEMPO E SUJEITO, PARA PENSARMOS O USO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS NA PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO*, **Lhays Marinho da Conceição** problematiza sobre quem são os jovens/alunos do ensino médio normal do Instituto Estadual Sarah Kubitschek, localizado no bairro de Campo Grande, periferia do Município do Rio de Janeiro e quais sentidos são - e podem ser - atribuídos aos usos do celular por eles. A partir das contribuições de Stuart Hall, a autora nos inspira pensar que esses jovens/alunos transitam por diversos espaços e tempos e que, por estarem em contato com o meio global a todo o momento, por atuarem neste contexto de globalização, produzem cultura.

Ainda dando destaque aos usos das tecnologias, **Cristiane Marcelino Sant'Anna**, no artigo *IMAGENS E NARRATIVAS NA PESQUISA COM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UMA BUSCA POR METODOLOGIAS DE PESQUISA NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS* questiona qual é o lugar das imagens na pesquisa nos/dos/com os cotidianos. Com esta indagação a autora apresenta o dilema que originou toda a busca por metodologias em sua pesquisa que pudessem apontar os caminhos para uma possível resposta levando em conta que pesquisar com os cotidianos em tempos de cibercultura implica em pensar metodologias que favoreçam a construção desses conhecimentos de forma colaborativa.

Nessa edição, reunimos trabalhos de investigação nos quais a temática da educação escolar é perpassada em suas múltiplas abordagens e com grande diversidade teórica, seja sobre os sujeitos que dela participam, seja sobre os níveis de ensino e as políticas educacionais, os processos e recursos de ensino e aprendizagem, em diferentes contextos e espaços. Reiteramos assim nosso entendimento de que a educação é uma arena privilegiada de socialização, e que deve ser garantida como direito de acesso e construção da nossa humanidade. É com esse espírito que oferecemos essa publicação aos leitores com um dos muitos exemplos de que, mesmo enfrentando a maior crise de financiamento da sua história, a UERJ Resiste e seguirá firme, socialmente referenciada e popular, na defesa da Educação Superior Pública, Gratuita e Laica para a sociedade fluminense.

Boa leitura!

Rosemary dos Santos de Oliveira
Amália Dias